



elebu

Edição
Extra

Porão 2007

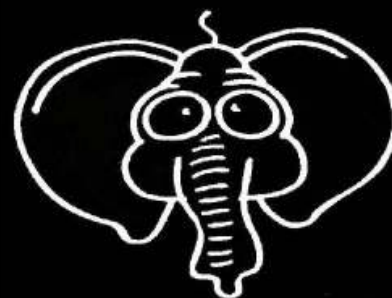
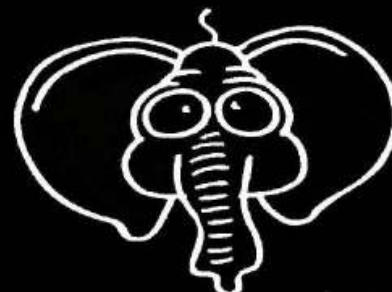
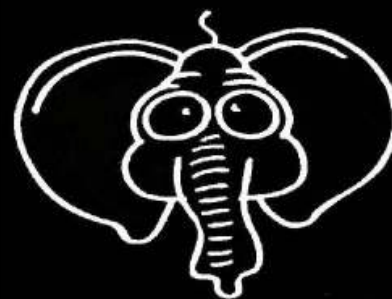
*Tudo que rolou na edição que
marcou os 10 anos do festival*

Quando o jornalista Marcos Pinheiro informou numa entrevista ao Elebu que o Porão do Rock 2007 seria “uma volta às origens, mas com um up-grade”, era esperado um festival com a ausência dos maiores sucessos comerciais do país e com uma redução considerável de público em comparação com os anos dourados quando o festival contou 100 mil pessoas numa única edição. O objetivo seria reduzir a arena para abrigar um público de, no máximo, 20 mil pessoas por noite, mas manter as estruturas de palco e da organização sempre excelentes. As bandas mais populares estariam fora porque geravam um conflito de públicos, além de serem caras demais. Era preciso também apagar o fiasco do ano anterior quando eram esperadas 70 mil pessoas e “só” compareceram 45 mil em três dias.

Na medida em que as atrações foram sendo confirmadas, percebeu-se que a organização estava firme em cumprir o propósito ao escalar nomes não-óbvios, mas que poderiam agregar um público fiel.

Deu certo! A edição que marcou os dez anos do Porão do Rock foi um sucesso dentro da nova realidade. Cerca de 28 mil pessoas compareceram na arena no estacionamento do estádio Mané Garrincha para assistir 26 bandas nacionais e internacionais nos dias 1 e 2 de junho. O número chegou muito próximo à estimativa da organização de 30 mil nas duas noites. Foi uma festa das mais bacanas de se ver, onde todas as bandas pareciam muito à vontade e interagem fácil com um público vibrante e interessado.

A campanha publicitária do festival, que pegou o gancho da onda do novo governo do Distrito Federal que passou a demolir prédios abandonados ou inacabados, foi um resumo perfeito dessa história. O Porão “demoliu” a pasmaceira e a falta de imaginação dominante, para reconstruir e devolver à cidade a veia mais rock’n’roll. Sim, Brasília ainda é capaz de receber e abrigar bons festivais e a cena independente. Basta um pouco de cuidado e empenho para fazer as coisas acontecerem. Que venham os próximos 10 anos de Porão do Rock.



ELEFANTE BU EDIÇÃO ESPECIAL DO PORÃO DO ROCK

EDIÇÃO, DIAGRAMAÇÃO, PRODUÇÃO E TEXTOS NÃO ASSINADOS:

Djenane Arraes

FOTOS:

Todas as fotos presentes nessa edição são de Washington Ribeiro.

CAPA:

Móveis Coloniais de Acaju.

COLABORADORES:

Washington Ribeiro, Luciano Branco e Leila Ribeiro.

AGRADECIMENTOS:

Marcos Pinheiro e todo o pessoal da imprensa do Porão do Rock.

DISTRIBUIÇÃO:

Por e-mail

BLOG PARA DOWNLOAD:

<http://elefantebu.poraki.com.br>

CONTATO:

elefantebu@yahoo.com.br

CANÇÕES E AFINS:

Os discos *Have a Little Faith* e *Meet The BellRays*, dos incríveis The BellRays.

APOIO:



porãoweb.com.br

De Acertos e De Erros
Primeiro Dia
Segundo Dia
Galeria PorãoWeb
10 Anos de Porão do Rock
O Porão e Eu



De Acertos e de Falhas

Por Luciano Branco



Entre (poucos) erros e (muitos) acertos, o Festival Porão do Rock chegou a sua 10ª edição. Feito raro no país e ainda mais intrigante por estarmos falando de um festival realizado Brasília, que ao contrário do que reza a lenda nunca foi de fato a capital do Rock e o seu público é como de outra cidade qualquer.

Se por um lado a cidade apresenta falta de força com uma das safras mais fracas da música local, por outro lado temos bandas inspiradíssimas que ainda podem nos dar alguma esperança, pelo menos foi essa impressão que deixou o show da banda Móveis Coloniais de Acaju.

Na Administração abreviando uma explicação mais detalhada a prática do "Cluster" seria mais ou menos como aproveitar um gancho mercadológico, fazendo uma espécie de associação de interessados de diferentes ramos de atuação, mas com o objetivo único de fomentarem a cena de modo que todos possam lucrar. Estranhamente o GDF (Governo do Distrito Federal) e a grande maioria das empresas privadas de Brasília ainda não se atentaram para o fato de que um festival do porte do Porão do Rock pode não ser apenas um achado para apática cena cultural da cidade, como também pode movimentar o mercado local se bem aproveitado. Tirando a ONG mantida pela produção do festival, uma revista de bolso de pouca circulação já extinta, o festival ainda não fomentou a cena uma pena porque se o Porão do Rock não é a tabua da salvação para bandas de Brasília, para o público certamente é porque ao longo desses dez anos eles puderam conferir a 234 atrações diferentes, sendo 122 somente do Distrito Federal, oito internacionais: Estados Unidos (3), Argentina (2), Inglaterra (1), Uruguai (1) e Portugal (1) e 104 nacionais de 14 diferentes Estados brasileiros, dados da própria assessoria de imprensa do festival.

Por falar em imprensa, os principais veículos da mídia nacional até comparecem nos dias do festival, mas talvez ao fato de que em Brasília não exista um movimento regionalismo como, por exemplo, o que aconteceu com o Abril Pro Rock e o Movimento Mangue Beat, as notas nas revistas e jornais são em sua maioria diminutas e até onde se sabe quem se destaca no festival não

consegue uma grande projeção.

Os produtores nesse ano deram uma guinada no formato dos shows e um passo decisivo para o futuro do evento. O número de dias de shows caiu de três para dois, praticamente as bandas mais comerciais, radiofônicas, foram deixadas de lado e o Rock pesado foi o grande destaque, na tenda antes conhecida por abrigar a música eletrônica praticamente o que se escutou por lá foi a predominância de DJ's ligados ao próprio Rock (o único pecado da produção foi o descaso com a infra-estrutura da tenda). A estrutura permaneceu praticamente intacta, mesmo com a diminuição da arena onde rolam os shows, a qualidade do som continuou a mesma das edições anteriores, no backstage uma pequena confusão de Vip's (as pessoas que pagaram para ficar nos camarotes) com a imprensa, mas nada que possa desabonar a produção. No mais, várias opções na praça de alimentação, rampa de bicicross e algumas barracas vendendo produtos variados como camisetas, Cd's, buttons etc.

Como de praxe, tudo funcionou bem, a produção caprichou na montagem de luz e som, não houve distinção de qual seria o palco principal, as trocas de atrações de um palco para o outro continuaram com agilidade deixando os intervalos mínimos entre os shows, nenhuma ocorrência policial, mas como não poderia deixar de faltar sempre alguns registros de uns pileques aqui e outros acolá.

O apoio da Petrobras veio bem a calhar e foi bastante explorado pela produção além da distribuição gratuita de cartões com acesso a downloads de atrações do festival (cinco por cartão), houveram vários sorteios com destaque para as duas guitarras, uma inclusive autografada pelo vocalista(!) do Sepultura, Derrick Green.

Sendo essa edição uma divisora de águas, foi fácil perceber que o exigente público do Rock

pesado (principalmente a galera que curti heavy metal e seus derivados) é quem dá as cartas no Porão, criticaram duramente por anos o festival quando esse pendia para o lado das bandas mais Pop's, mais comerciais e agora na décima edição deram mais um voto de confiança e compareceram em massa para prestigiar meio que a volta à independência do Porão, isso refletiu nos números das duas noites que impressionou até mesmo a organização foram 10 mil pessoas na sexta-feira (01/06) e 18 mil no sábado (02/06).

Alguns fatores sempre contaram a favor do Porão do Rock, a competência da organização, a variedade das atrações e por último a ausência de festivais na Capital, o que sempre garantiu um bom público as shows independente se as apresentações seriam a "rebelde tatuada da vez" ou a "banda from hell" do momento.

O público continua sendo um caso a parte, exigente quanto às atrações, preços dos ingressos, número de banheiros químicos, valor da cerveja, e displicente quanto a prestigiar as bandas mais undergrounds que geralmente tocam na abertura do festival sendo assim a arena só começou a lotar invariavelmente na hora das atrações mais conhecidas. Um bom sinal desse ano foi o "quase" desaparecimento das bandas fundadoras do Porão, como que por ironia essas bandas na maioria das vezes protagonizavam os piores shows diferentemente da "turma" da Monstro Discos que sempre apresentam boas atrações.

De certo é que as pessoas que gostam de música em Brasília necessitam do festival e que todos, sendo partes interessadas, nada melhor do que fazer com que haja uma interação para que o festival mesmo com o seu formato consolidado chame mais atenção da mídia e que a cidade tire maiores proveitos. Não se trata de bondade, seria apenas um ato inteligente.

Primeiro Dia



Washington e Leila Ribeiro

Promessa feita, promessa cumprida! Assim foram definidas as atrações para a edição comemorativa de dez anos do Porão do Rock. Com o patrocínio da Petrobras, que preparou peças publicitárias especialmente para o evento e espalhou em toda a arena, a organização escolheu bandas do underground com estilos que variam do punk rock, hardcore, heavy metal entre outros. É claro que headlines como Angra, Nação Zumbi e Sepultura são bandas que merecem todo o respeito, mas a proposta do festival de revelar novos talentos e trazer bandas pouco conhecidas do público brasiliense foi executada com muita eficiência pela produção. Destaque as bandas ganhadoras da seletiva e das bandas internacionais que surpreenderam o público.

A estrutura organizacional do Porão supera as expectativas. A volta de dois dias de festival, a diminuição da área da arena e a ausência de bandas mais populares são alguns fatores que mostram que o festival aponta novamente para a cena independente.



Aproveitando a experiência acumulada nesses anos, a produção conseguiu agradar os roqueiros e a galera VIP. Área VIP que está cada ano melhor. Este ano contou com arquibancas, TVs, bar e restaurante diferenciados.

Contando com os sempre previsíveis atrasos, que não ocorreram neste ano, chegamos quando a banda Galinha Preta já estava no palco.

Galinha Preta: Com o carismático Frangokaos nos vocais, a banda foi uma atração ímpar no festival. Embora não seja possível afirmar que as músicas da banda tenham letras – “a e i o u / vai tomar no cú” ou “vai trabalhar vagabundo”, podemos dizer que o público assimila com certa facilidade e cantam em coro. Frangokaos também tem uma boa percepção ao colocar em debate temas relevantes ao cotidiano do público como o cancelamento de algumas linhas de lotação e consequentemente a falta de ônibus. O vocalista foi prontamente atendido pelo público que gritou junto por “Baú”, que deve virar hit. Com muita competência instrumental ficou devendo apenas nos vocais como o próprio Frango colocou: “fumar e beber... assim eu não consigo” sentenciou.

Mechanics: Uma das principais bandas do cenário underground de Goiânia seguiu a risca o rótulo que eles mesmos definiram para banda “estupidamente barulhenta”. Fizeram um show com muita competência, mas pecaram nos excessos, principalmente do vocalista Márcio Jr., que forçou no discurso. O público que assistiu a apresentação saiu com uma boa impressão.

Dance of Days: A empolgação do baixista Fausto Oi e a



imagem marcante do vocalista Nenê Altro são ingredientes que fazem da banda paulista um ícone. Fausto tocou e cantou todas as músicas com uma vontade tão contagiante que parece ter empolgado o público. É bem verdade que algumas músicas já eram conhecidas da galera que cantaram com a banda seus sucessos. Músicas que inclusive ficaram de fora do setlist da banda por conta do tempo.

Satan Dealers: A primeira atração internacional não decepcionou o público e mandou muito bem. No final do show, muitas pessoas que estavam na platéia perguntavam qual era o nome da banda e onde poderiam encontrar o CD. Esse, com certeza, é o melhor sinal que o show valeu a entrada. Embora tenham encontrado dificuldades para se comunicar com a galera, a banda mandou ver com uma pegada rock n roll.

Zamaster: Talvez um dos poucos pecados na escolha da banda para o festival. Embora apresentem uma grande habilidade instrumental com uma pegada pesada, o Zamaster não conseguiu, até hoje, acertar na veia. O intervalo para o lanche acabou sendo inevitável.

Born a Lion: Os portugueses mostram uma vontade enorme de agradar ao público brasileiro. Orquestrados pelo baterista e vocalista Rodrigues, a banda mostrou entrosamento e disposição na execução do setlist. Em alguns momentos até parecia que ia decolar, mas não passou de um susto. Destaque para o baixista da banda, Nunes, que a cada intervalo de música aproveitava para dar generosos goles em sua garrafa de uísque.

Harllequin: Classificada pela seletiva a banda se portou com gente grande. No mais alinhado estilo heavy metal, mostrou grande harmonia entre os componentes do grupo num desempenho digno de headline. Apresentou músicas que foram celebradas pelo público, mostrando que Brasília ainda esconde boas bandas.

Tuatha de Danann: Seguindo o mesmo trem, a banda mineira de Varginha, mas incluindo outros elementos não convencionais ao heavy metal como poesia, flautas, violinos, etc. O público que esperava a grande headline da noite não se decepcionou e acompanhou os mineiros em grande parte do show.

Angra: A atração mais esperada da noite encerrou a primeira noite de festival com uma apresentação dentro do esperado. Desfilando seus principais sucessos, a banda mostrou que ainda é possível tocar com qualidade e vontade.

Segundo Dia

Djenane Arraes

A segunda noite do festival foi de muita sintonia entre o palco e público, de consagração e gratas revelações graças a uma escalção bem-feita e coerente. A missão de abrir a programação ficou com a brasiliense *Lafusa*, escalada por meio de seletiva realizada na cidade. E logo no início uma grata surpresa. O quarteto é do tipo operário, que trabalha muito para viabilizar a sua música. Eles foram revelados no projeto *Móveis Convida* e já contam com uma base interessante de fãs. Eles compareceram cedo para prestigiar o quarteto e praticamente gritavam as letras das canções numa arena ainda vazia. A banda segue a tendência aberta pela Los Hermanos ao misturar rock e MPB. Palmas para a versão de Roda Viva do Chico Buarque.

A *Macaco Bong* veio de Cuiabá sem amigos na platéia e sem fãs cativos. Mas o trio instrumental não estava preocupado com isso em absoluto. Ainda diante de um público muito modesto, tocaram sem preocupação e fizeram um som perfeito para quem queria apenas curtir um bom som. A intensidade do som da

Macaco Bong é pura contradição com o rock pipoca da paulistana *Rock Rocket*, a terceira atração da noite. Rock pipoca? Sim, aquele divertido e engraçadinho que você escuta sem compromisso. Esses também contaram com um grupinho de fãs concentrados em frente ao palco que cantaram "sucessos" como *Puro Amor em Alto Mar*. Abriam frente a *Superguidis*, banda gaúcha com um pé em Brasília devido as presenças de Philippe Seabra na produção e do selo Senhor F, de Fernando Rosa. A gauchada deu uma passada no primeiro e super-elogiado disco cheio de hits em potencial. Estavam ali todas as músicas legais como *O Véio Máximo*, *O Raio que o Parta e Bolo de Casamento*.

A noite baixou um pouco o ritmo com a *Cromanato*, a segunda que veio da seletiva. O trio e do Gama e tem lá a sua amizade com a crítica da cidade. Mas ainda há muito que melhorar ali. Coube a *Vamoz!*, de Pernambuco, reacender a chama. O trio formado por baterista e dois guitarrista e que canta em inglês faz o extremo oposto do manguebit e seus desdobramentos. A banda tocou diante de uma arena bem mais cheia e foi a primeira a arrancar uma reação mais expressiva do público. A galera se amarrou no som e respondeu isso com muitos aplausos e em rodas de pogo. *Moptop* fez um show na deles, com música de quem quer estar em Nova York, mas visual carioca. Teve a felicidade de encontrar um público receptivo e com alguns fãs que cantavam as músicas grudados na cerca.

A *Supergalo* entrou no palco com banca, com os integrantes sendo anunciados como nos filmes da série Rocky. Ao menos não dá para dizer que não procuram ser originais. Trata-se de uma reunião de ex-integrantes de bandas importantes de Brasília. Com Fred (ex-Raimundos), Alf (ex-Rumbora), Marcelo Vourakis (ex-Maskavo Roots), além de



Daniel Arara. O som é tudo que se espera desses músicos, ou seja, barulho, alguma velocidade, letras descatáveis... mas há de se admitir que funciona em festivais.

Depois que a Supergalo foi embora, o público testemunhou a seqüência de shows rara na história do Porão. Foram cinco bandas que mantiveram a vibração e interesse do público. E o melhor de tudo é que todas essas cinco são distintas umas das outras, o que reforçou o perfeito espírito de comunhão que aconteceu na noite de sábado e madrugada de domingo.

Começou com a *Móveis Coloniais de Acajú*. Por mais que alguns torçam o nariz e os integrantes sejam modestos, com os pés no chão, a banda é sim a maior (em tamanho), a melhor e a mais importante que surgiu em Brasília nesta década. O show que fizeram e a resposta do público foram a consagração definitiva desse verdadeiro time de futebol. Colocaram o povo para dançar e pular ao som dos hits do primeiro disco e outras músicas mais, como *Perca Peso*, *Aluga-se-Vende*, *Swing Hum* e *Meio e Seria o Rolex?*. Tudo isso marcado com muita movimentação no palco, dancinhas, brincadeiras e interatividade com o público. Na música que tradicionalmente encerra os shows da *Móveis*, *Copacabana*, um momento especial: fizeram a maior roda já vista no festival (e não era de pogo). O vocalista André Gonzáles terminou o show no meio da galera, há metros e metros de distância do palco com o público absolutamente feliz. *Móveis* definitivamente é sinônimo de diversão, de shows incríveis. É a única banda local que consegue fazer um show solo para milhares na própria cidade. O Porão foi a consagração definitiva e merecida dessa galera.

Mas se o sucesso da *Móveis* era esperado, a grande surpresa veio com a estadunidense *BellRays*. O quarteto californiano entrou no palco como um grande ponto de interrogação. E a julgar pela aparência dos componentes, as coisas não pareciam ser promissoras. Imagine uma banda de "tiozinhos" onde a vocalista parece ter vindo da

Motown e o baixista era loiro de cabelos compridos, lisos e meio ralos, que se parece muito com um cantor country. Aliás, diria que ele tem o maior jeitão do ator Dana Carvey no filme *Quanto Mais Idiota Melhor*. Todo estranhamento acabou quando a vocalista Lisa Kekaula soltou o vozeirão, e surpreendeu a platéia. Estava todo mundo fisgado. O quarteto passeou entre canções ora pesadas, ora cheias de swing que extravasavam a veia soul. Foi uma performance incrível que fez o grito de "mais um" ecoar pelo estacionamento do Mané Garrincha. Com toda certeza a *BellRays* saiu de Brasília com uma série de fãs completamente apaixonados. É até engraçado pensar que a grande revelação do Porão do Rock 2007 foi uma banda estadunidense com anos de estrada. Que eles possam voltar ao festival muitas vezes.

Coube a também experiente *Nação Zumbi* a missão de manter o público quente e segurar os ânimos dos fãs do *Sepultura* que já se amontoavam no palco ao lado. A missão de manter o povo quente em frente ao palco da esquerda foi cumprida, já com a outra não puderam fazer muita coisa. Não que os fãs da banda de death metal fossem agressivos. Bem longe disso. Mas o fato era que quase a metade do público estava em silêncio, economizando energia para começar vibrar no primeiro urro de Derrick Green. Mas como a *Nação Zumbi* não tinha nada com isso, tratou mesmo de fazer o seu show, onde incluiu canções ainda da época de Chico Science (na verdade elas foram o ponto alto). Os pernambucanos se despediram e a multidão se deslocou para o palco da direita ansiosa pela entrada de Andreas Kisser, Paulo Jr, Derrick Green e do novo baterista Jean Dolabela (com a ingrata missão de substituir Igor Cavaleira). Foi impressionante ver a arena inteira toda voltada para o palco. Sim, o gênero tem um público muito específico e passa longe das rádios comerciais, mas o *Sepultura* é um desses casos onde tudo isso torna-se pequeno diante da grandeza da história da banda.

A *Mudhoney* também tinha tudo isso: grandeza histórica e fãs apaixonados. Aliás, foi a banda que mais recebeu declarações de amor no festival que vieram tanto do público quanto das bandas que se apresentaram anteriormente. Seria um show perfeito se não houvesse uma debandada após o *Sepultura*. Quase a metade do público deixou a arena montada no Mané Garrincha.





GALLERIA

Fotos de Washington Ribeiro









Se você mora em Brasília e acompanha a cena independente, então você está careca de saber como tudo começou. Mas caso não, então aí vai mais uma vez a história. O festival *Porão do Rock* começou em 1998 diferente da maioria dos que existem no país. Geralmente um evento desce nasce por meio da iniciativa de um grupo de produtores, de um selo ou de um visionário meio maluco. Em Brasília não. Quem inventou a moda foram as próprias bandas que procuravam uma forma de mostrar seus trabalhos e driblar a falta de espaço.

A maioria ensaiava nos estúdios do subsolo do bloco A da quadra 207 da Asa Norte, local mais conhecido como Porão do Rock. A idéia inicial era improvisar um palco Chez Michou, a mais antiga creperia da cidade que tem uma unidade no mesmo bloco do Porão. Não deu muito certo, porém, por essas coisas do destino, as 14 bandas se apresentaram num evento gratuito na Concha Acústica. Foi um sucesso absoluto que surpreendeu até o mais otimista dos organizadores quando cerca de 10 mil pessoas compareceram no local.

A headline, por assim dizer, foi a

Maskavo Roots, que naquela época já estava bem fragmentada. Também participaram dessa edição pioneira: Pravda, Plastika, Cachorro Cego, Engels Espíritos, Auravil, Nulimit, Mata Hari, Zamaster, BSB Disco Club, James Band, Rodeo Drive, Bigroove e Ponto G. Muitas delas sequer existem mais ou estão tão modificadas que é questionável dizer se é a mesma banda.

O importante é que o evento não parou por aí e procurou ano após ano melhorar. Não é por menos que o Porão é um dos maiores festivais independentes do país. Para o rock da cidade ele significa o respiro, talvez o único momento onde todas as tribos da cidade se encontram num evento significativo.

Em 1999, o festival, ainda na Concha Acústica, promoveu a volta da *Plebe Rude*, fato noticiado em verso e prosa pela imprensa local e nacional. Essa edição também marcou pela entrada de shows de bandas de outros estados do país, como a Sheik Tosado e o *Autoramas*, além da divisão em dois dias. Resultado foi um público de 40 mil pessoas. Foi nessa edição que apareceram três promessas infelizmente não concretizadas da nova geração brasiliense: Amanita Muscária, Bois de Gerião e Rumbora.

Uma vez que o "filhote" cresceu e se mostrou viável, a Concha Acústica ficou minúscula para comportar o público crescente. Em 2000 o novo cenário do Porão passou a ser o estacionamento do estádio Mané Garrincha, um local mais central e que proporcionava melhor acesso do público. A edição daquele ano foi das mais memoráveis, repleta de números grandiosos. Só de público foram 130 mil somados os dois dias, o orçamento bateu na porta dos R\$ 2 milhões, o evento durou quase 23 horas no total e 392m² de palco somados os principais e o demo. Essa edição marcou também o

recorde de 64 bateristas tocando juntos uma peça de 15 minutos graças a organização de iniciativa de Dino Verdade.

As atrações foram das mais significativas, com bandas que viviam o auge da popularidade na época, como foi o caso da *Penélope*, dos *Raimundos*, *Otto*, *Lobão*, *Tianastácia* e *Natiruts* que detonaram no palco principal. No palco demo dois momentos especiais: a *Prot(o)*, que viria a ser um dos principais nomes da geração nascente, e uma reunião especial dos *Filhos de Menguele*, banda histórica liderada pelo *D i g ã o* (e n t ã o Raimundos). Também vale lembrar que foi em 2000 que a *Móveis Coloniais de Acajú* tocou pela primeira vez no Porão e deu o pontapé para uma carreira independente das mais impressionantes.

O ano seguinte, 2001, foi a consolidação e consagração definitiva do Porão do Rock como o principal evento musical da cidade. Isso veio acompanhado de alguns recordes a mais como um público de 145 mil em dois dias. Os destaques do palco principal foram o *Mundo Livre S/A*, *Bidê ou Balde*, *Ratos de Porão* e *Pavilhão 9*. Outra

peculiaridade da edição de 2001 foi o palco demo. Naquele ano as atrações escaladas para ele competiram de igual para igual com as do palco principal. Coloque aí a *Maybees* (que mais tarde começaria a cantar em português e se transformaria na *Ludov*), *Phonopop*, *Sub-Versão*, *Matanza* e *MQN*.

A edição de 2002 foi a primeira a enfrentar a vacas magras. Era época de Copa do Mundo e eleições. Por essas e outras, não foi possível atrair muitos patrocinadores e o Porão precisou recuar um pouco. Ainda assim, em apenas um dia de festival, 70 mil pessoas (número

que se repetiu nas três edições seguintes) compareceram para ver *MQN*, *Leela* e, principalmente, *Sepultura*. Já 2003 foi marcado pela cobrança de ingresso pela primeira vez na história do festival, o que causou muitos protestos e questionamentos. A grande verdade é que a organização não conseguiria permanecer tanto tempo realizando um evento de tal porte com bilheteria zero. O público, agora pagante, pode curtir os ótimos shows da *Paralamas do Sucesso*, *Los Hermanos*, *Nação Zumbi*, *Lanlan* e os *Elaines*, além de *Pitty*. Vale lembrar que o Porão foi o primeiro grande festival que a cantora baiana enfrentou em sua carreira nascente.

A primeira atração internacional veio na edição de 2004 com a escalação de *Perilo*, banda liderada pelo ex-baterista da *Dead Kennedys*. Mas quem dominou a galera foi mesmo o *Rappa*, *Marcelo D2*, *CPM22*, *Autoramas* e *Cachorro Grande*. O ano de 2005 foi a primeira realizada em três dias, fórmula que visava poupar o público fisicamente, afinal, o Porão do Rock sempre impôs uma resistência física maluca de seu público. Outra modificação significativa é que ele passou a ter dois palcos paralelos de igual estrutura para as 35 atrações. Um processo louvável,



uma vez que uma banda independente iniciante agora poderia usufruir a mesma estrutura de um grande nome nacional ou estrangeiro. Esse foi o ano do *Pato Fu*, dos retornos da *Pitty*, *Los Hermanos* e *Ratos de Porão*. Da moda *Massacration*, do *Barão Vermelho* e também da revelação *Luxúria*.

A nona edição do Porão do Rock, em 2006, foi para esquecer. Ou melhor, aprender com os inúmeros erros cometidos pela organização e que fizeram o público "ignorar" o festival pela primeira vez em toda sua história. Era uma edição onde a estrutura nunca foi tão boa, a Rede Globo entrou no projeto, havia atrações internacionais e algumas

grandes nacionais de peso, como *Skank* e *Ultraje à Rigor*. Isso fez a organização rever certos conceitos e reavaliar novas tendências. Tudo para transformar a edição comemorativa dos 10 anos do Porão do Rock numa das mais harmoniosas e bem-sucedidas.



O Porão e Eu

Sou uma das pessoas que teve o privilégio de ver o Porão do Rock nascendo. Não posso dizer que assisti as duas primeiras edições de forma integral, mas sim, estava lá para conferir aquela movimentação e ajudar na estatística de cabeças que circularam na Concha Acústica. Naquele tempo o Porão tinha um significado diferente. Era apenas um evento que as pessoas iam porque não tinha nada melhor para fazer na cidade, e talvez fosse algo passageiro, como tudo em Brasília. Outra razão pela minha descrença era que, naquela época, não ligava para a cena independente. O Elefante Bu já existia, inclusive, mas tratava exclusivamente do Pato Fu. Logo, não havia mesmo razão para levar aquilo ali a sério.

As coisas começaram a mudar em 2000 quando vi o festival pela última vez como público interessado, que enfrentou a confusa fila nos portões de entrada e reclamou uma barbaridade do atraso. Naquele tempo o meu amigo Luiz César começou a chamar a minha atenção para essas pequenas bandas que teimavam em querer aparecer na cena nacional. Nomes estranhos que vinha em especial do Sul do país e de São Paulo, mas que faziam um som interessantíssimo. Foi o primeiro Porão onde pude me divertir, pular no meio da galera e também que quase congelei na madrugada. Foi também o momento que comecei a ver que as pessoas por trás daquele festival não estava de brincadeira e estavam dispostas a fazer sim algo duradouro.

Por causa do crescimento do site do Elefante Bu (sim, naquela época era um site normal), tive a oportunidade de, pela primeira vez, ver como era o Porão do Rock por dentro daqueles portões reservados a quem tinha uma pulseira de plástico da cor certa. O interessante é que aquilo promoveu uma mudança de perspectiva. Quando se está na posição de público, por mais que você deteste a banda, existe algo emblemático, uma espécie de pedestal inconsciente. É o cara que está ali, metros acima, monopolizando a atenção de muitos. Pode até ser um rock star bem chinfrim, sem importância ou futuro, mas é o cara que está com a boca no microfone. O máximo que você pode fazer contra é vaiar (isso



levando em consideração as reações não violentas), ainda assim, por uns vinte minutos, ele estará lá em cima e você é apenas mais um.

Quando se “ganha a pulseira de plástico mágica” há uma mudança significativa. O rock star passa a ser um sujeito bem comum que está sob o seu julgamento. E a performance dele será avaliada de acordo com o juízo de valor de cada jornalista presente. Ele pode ter o microfone na hora, mas o registro que boa parte vai ler depois (concordando ou não) é do veículo. E foi o Porão do Rock o responsável por essa mudança na minha visão. O pedestal é destruído e fica o sujeito de carne e osso que está ali trabalhando tanto quanto eu (talvez se divertindo um pouco mais).

É claro que na primeira edição que cobri, em 2001, ainda tinha um certo deslumbramento. Havia bandas que admirava muito como a Penélope, a antiga Maybees, Bidê ou Balde e o Ratos de Porão. Deixar o lado fã foi difícil e acho que me comportei como uma tiete em certas ocasiões naquele Porão.

Dentro do “cercadinho da imprensa” vivi



alguns momentos particulares emblemáticos. Como participar da coletiva de bandas “enormes”, de grandes ídolos, e se dar conta que eles são normais e você nunca foi fã deles. Foi o caso do Ultraje à Rigor e dos Titãs, na edição de 2006. Peguei um autógrafo da Los Hermanos em 2003 após a coletiva quando os jornalistas “desmunhecaram” o lado tiete e fiquei me perguntando depois por que tinha feito aquilo. Adoro o som deles, mas não me considero uma fã dessa banda. Há coisas, atitudes minhas, que nunca entenderei.

Um outro ponto emblemático, talvez um dos maiores da história EleBu/Porão do Rock, foi envolvendo a Pitty. Ela estava começando a despontar e tinha dois clipes bem populares na MTV. Aquele Porão do Rock de 2003 foi o primeiro grande festival dela, e o show que essa moça fez foi arrasador. Mas quem viria em seguida seria a Los Hermanos, até então os queridinhos da crítica. E por conta disso, poucos colegas compareceram a coletiva da Pitty. Foram eu e mais três, se não me engano. Ficamos os quatro olhando para a cara do outro sem sequer saber o que perguntar, afinal,

quem estava ali na frente nos observando com algum desinteresse, era uma moça que vinha do underground, que tinha um hit, e ninguém sabia muito a respeito. Eu abri a rodada quando perguntei algo sobre a relação dela com as bandas undergrounds de Brasília. Dois anos depois, quando ela retornou ao Porão, a sala de imprensa ficou abarrotada, precisou até se segurança para ela deixar o lugar, tamanho era o assédio!

Também não posso censurar meus colegas pelos momentos tietes. Nesse mesmo ano de 2005, participei da coletiva com o Pato Fu e descobri que, por mais que tentasse, não conseguia deixar de ser fã e ter uma postura imparcial quando se trata da Fernanda Takai, John e cia. Nem por alguns minutos. Meu objetivo era ficar num cantinho, despercebida, só observando, ouvindo as respostas... mas quem disse que deu certo? Não fiz nenhuma cena, mas gaguejei na minha pergunta (e não consegui ser objetiva), pedi autógrafo, quis tirar fotos e mais fotos. Parece que dá um treco estranho que te faz ter atitudes tão abobalhadas.

Há histórias curiosas a respeito de outras coletivas no Porão do Rock. Numa delas fiquei desesperada para fazer uma pergunta, mas o microfone rodou pela sala inteira sem eu conseguir falar. Outras vezes (em casos não tão raros assim, por alguma estranha razão) o microfone caía direto no meu “colo” me forçando a improvisar qualquer coisa na hora para a banda responder. E houve uma em que ninguém queria participar de uma coletiva. Por “azar”, estava de bate-papo em frente à sala e fui literalmente intimada a comparecer a tal entrevista junto com mais alguns poucos colegas.

Fiz algumas entrevistas ótimas, em especial com as bandas independentes. Uma das que mais gostei foi com a goiana NEM (que rendeu um adesivo com um bilhete bem bacana). Nos shows, quase fui esmagada no dos Paralamas do Sucesso de tão cheio que estava a “área vip”. Vi Fred 04 dizer que o seu cavaquinho era hardcore. Vi gente tocar sem nem saber onde estava ao certo. Já quis mandar uma das bandas bem para aquele lugar não muito agradável numa das coletivas... são histórias pessoais bem bacanas com um único cenário: o festival Porão do Rock. É um privilégio de ter comparecido em todas as edições e o cobrir em sete delas. Espero poder continuar fazendo esse trabalho ainda por muitos anos e, quem sabe, contar mais histórias.

